

QUINTA-FEIRA
Lisboa—17 de Janeiro—1929

5

apelo, 832

8-47

N. 2

MATOZINHOS

3.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

sempre **139**

fi *semanario*
ve *humoristico*



Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 152, 153, 154
RUA DA ROSA, 57

Mr. S. J. SLINGO

O homem da "Radio Marconi,"



Um gentleman a quem devemos poder comunicar com todo o mundo, sem sairmos da rua de S. Julião. A "Radio Marconi," marcou nitidamente um radioso e ruidoso triunfo, e com o sistema de *beams* mandou para o *beam* que o parta o atrazo em que estavamos.



Os ditos da semana



Abaixo os quiosques

O *Sempre Fixe* aplaude a mania quiosquici-da da Camara Municipal. O *Sempre Fixe*, se tambem mandasse alguma coisa, mandava para os quiosques uma chuva de picaretas, uma chuva de vassouras e uma chuva de sublimado corrosivo. Matava as baratas, matava a porcaria e matava todos os microbios que, nos quiosques, vivem na mais amena promiscuidade com o xarope para capilé e com os limões, as colheres, os copos e tudo o mais que ao capilé é necessario. E, se ao fim de uma desinfeção radical, reconhecesse que os microbios resistiam e que a porcaria resistia, o *Sempre Fixe* fazia o mesmo que faz a Camara Municipal — matava os quiosques.

Não concorda, porém o *Sempre Fixe* com a orientação, em tempos seguida pela Camara, matando os quiosques na Praça dos Restauradores, para os fazer ressuscitar a meio da Avenida. Assim não está certo. E cabe aqui aplicar a doutrina do sapaiteiro de Braga, que pode levar a Praça dos Restauradores a gritar:

— Ou ha moralidade ou todos hão-de ter o seu quiosque.

Ou quiz a Camara exaltar assim o feito dos conjurados de 1640, homens sem medo e sem pavor, não admitindo sequer que, na sua praça, possam os quiosques pôr em duvida a sua fama, visto que, já lá diz a sabedoria das nações, que quem tem quiosque tem medo, o que seria uma afronta aos Restauradores?

Seja como for, a Camara continua na tarefa de transplantar os quiosques e, desta vez, parece que com certa logica, escolhendo logares a caracter para os colocar.

O do Largo de S. Domingos vae para as *Agua Livres* e os do Camões para a Avenida do Marquez de Tomar o que se quizer.

Os do Caes do Sodré, apesar de estarem ali mesmo á beirinha da agua, tambem vão ser transplantados: vão para as *Agua Boas*, que passarão a chamar-se *agua boas e frescas*.

O do Intendente muda-se para o *Regueirão dos Anjos*, o de S. Vicente de Fóra, vae para o *Chafariz de Dentro* e os do Terreiro do Paço mudam-se para a Travessa de Agua de Flór, enquanto a Camara vae dizendo lá com os seus botões:

—Arreda, que isto aqui os quiosques são outros.

Frio... Frio Porque o termometro desceu, brigam os meteorologistas. Todos querem ser senhores do tempo, como se o tempo andasse ás ordens dos observatorios.

Querem uns que o termometro tivesse descido até 7 decimos—pouco mais de meio grau—querem outros que andasse pelos 4, como qualquer doidivanas, com a mania das grandezas.

Por mais que baralustem, por mais que briguem, não conseguirão nunca pôr-se de

acordo porque, nisto de temperaturas, os homens dos observatorios não passam de testas de ferro dos termometros. Hão-de sempre dizer o que eles quizerem.

Para evitar disputas e contendas, o *Sempre Fixe* propõe a abolição dos termometros e a sua substituição por cobertores. Pelo nosso processo, cada cidadão medirá o frio pelo numero de cobertores que tiver de pôr na cama, e não precisará de recorrer aos boletins meteorologicos para saber o frio que faz.

E assim se dirá:

—Fez hoje um calor de sete cobertores, o que equivale a dizer que fez um frio dos diabos.

Acabar-se-hão emfim as

questões, principalmente se se estabelecer como cobertor-padrão o cobertor de papa do Grandela, para que haja uniformidade nas observações.

E quem não tiver cobertor algum, nem sequer saberá que faz frio, por não ter com que o medir.

Vacina contra o tifo

Quando os jornaes anunciaram a resistencia de uma vacina contra o tifo, as farmacias e os laboratorios exultaram de alegria. Era negocio de mão-cheia. Quem quizesse matar o microbio da febre tifoide, tinha que matar primeiro a lome aos boticarios. Mas, eis senão quando, o professor Vincent, descobridor da vacina maravilhosa, declara na Academia de Medicina de Paris:

—A minha vacina confere imunidade contra o tifo durante quinze anos.

Amorteceram os entusiasmos e os boticarios exclamaram em córo:

—Ora bolas. Não vale a pena. As pastilhas duram mais do que as boticas.

Esternutatorio Ha poucos dias, foram proibidas as bisnagas e os pós esternutatorios. Era bem entendido.

As bisnagas dão cabo da saude e dão cabo da roupa, para não falar nas comichões que fazem nos olhos, quando se atiram ás meninas, como qualquer portuguezinho valente.

Para isto é que se quere a policia.

Dias depois cessou a proibição. Já se podem uzar as bisnagas e os pós esternutatorios. E' bem entendido.

As bisnagas não dão cabo da saude, nem dão cabo da roupa, como se julgava, para não falar na vantagem que tem de lavar, na Avenida, os pescoços das meninas que os não lavam em casa.

Quem quizer que espirre, que a primeira ordem foi revogada.

Para isto é que se quere a policia.

E isto é verdadeiramente esternutatorio do juizo de uma pessoa.

Eduardo Frias (Auctor do «Inferno branco»)



Eduardo Frias aquece-nos, nestas noites frigidissimas, com o calor do seu «Inferno» que, embora «branco», tem rubras paginas, onde crepita o fogo sagrado do seu talento de romancista. Agradon-nos tanto o livro, que o recomendamos aos no sos leitores, remetendo-os—com sua licença—para as profundas daquele «Inferno»

Fados, com boa assistencia só no Solar d'Alegria.

FUME SUNRIPE

TEATRO

«RETROZ PRETO...»

QUE se lave a roupa suja inter-muros, vá... mas que se tenha a coragem de mandar dizer para o estrangeiro os «pôdres» da vida teatral portuguesa, não é decente... nem honesto. E' necessario que se saiba que ha um escriba que se diz jornalista e que tem o descôco de escrever:

«... quando iniciámos o sacerdocio do jornalismo, já lá vão de alongada 28 anos.»

Onde exerceu esse tal escriba — escriba é como quem diz, escriba é o que escreve, e ele não sabe escrever — o sacerdocio do jornalismo? Que entende esse senhor por jornalismo? Dizia um velho escritor que ha pessoas que escrevem em *pretoguês*... e ele é um deles. Escreve em bom *pretoguês*...

Pois este senhor envia para um jornal do Brasil toda a especie de asneiras e de sandices, sobre teatro e sobre os nossos artistas, que não merecia reparo se não fosse atacar creaturas que, ás vezes, nem sequer tem conhecimento do que a seu respeito se escreveu...

Que ambiente fazem no Brasil, ás companhias e aos artistas portugueses, esses artigos?

Porque razão amesquinha actores com categoria e com prestigio?

Porque razão insulta varios jornalistas, a quem acusa de

«... gente que se entenda na sociedade do elogio mutuo, autentica instituição nacional, com fartos lucros e varias prebendas.»

Um periodo que merece ser transcrito e lido com atenção:

«... e que lindas coisas o publico terá conhecimento, ajuizando então quem são os homens de bem, quem honra a profissão do jornalismo e é patriota. Chegámos ao ponto culminante da palestra entre o insigne comediante e o novel medico sr. D. C., tradutor de sociedade com o velho rabula do jornalismo T. M., sub-director de O S..., acumulando a função de critico auxiliar do decano A. de A.»

Estes dois trechos são tirados da *Gazeta Teatral* do Rio de Janeiro, de 29 de Novembro de 1928, duma secção intitulada «De Terras de Portugal» e assina-a R. I.

Não sabemos que haja qualquer jornalista português com este nome... Se o ha... aí ficam esses dois trechos para se lhe avaliar a maldade...

SE os nossos olhos não tivessem visto... não acreditavamos. No cartaz do E. T. lê-se o seguinte, em letras garrafais:

O FADO

A mãe de todas as operetas portuguesas

Isto não lembra a ninguém! Chamar mãe ao Fado... Num café, um boémio, ao comentar-se o caso, escreveu a lapis, na pedra da mesa, estas duas quadras:

Com que então o Fado... Mãe!
Pobre Fado! Triste sina!
—Vá! não se esqueçam tambem
De chamar-lhe Messalina!

Eu não gosto de sarilhos
E isso faz-me confusão...
—Quem é que aparou os filhos,
Quem os fez e quantos são?!

CONTINUA a debandada...
Agora foram os da musica... Ti-

nam sido os carpinteiros... E' lastimavel!

Haja organização!
Sem ela e sem disciplina, como hão de vingar os negocios? Os prejudicados são os que precisam, os que dão o seu trabalho e não veem o provento... O teatro está mau, mas com a barriga de cada um não se brinca... Se ha para chás, para automoveis, porque não se arranjam tambem para as costureiras os miseros escudos que ganham?

A vida não é só romantismo... é tambem ter a noção das responsabilidades...

ENTRAMOS na epoca da cambalhota teatral.

Três, nada menos, na peça «Heróis do Mar». A do L. L., no primeiro acto, é de atleta! Só lhe falta andar no arame. Pobres artistas portugueses, que tem de fazer de *clowns* para atrair o publico!... E a verdade é que o publico delira...

Suprema vergonha! Ao que se chegou em Portugal!

O JORNAL de modas V... iniciou uma secção teatral. Ainda bem. Fez com uma nota em que se diz que esta secção não é critica mas é escrita com uma absoluta sinceridade

e uma independencia inteira e plena de quaisquer interesses.

Entre muita coisa acertada, diz:

«Os dramaturgos portugueses, reunidos em banquete, fizeram afirmações de força, pregando pela nacionalização do teatro português. Oxalá que não se tome como sinonimo alguma epidemia de teatro regional, que seria quasi tão mau como o teatro deletorio do boulevard. Mas que olhem tambem os dramaturgos para a necessidade de evitar outras perigosas desnacionalizações. A que se opera por meio do cinema americano é bem terrivel, e como é portas meias com o teatro, talvez não fosse mau... riscar do numero dos autores dramaticos aqueles que cirzam mal e com desvergonha velhas indecencias sob a fórma de revista, tornando o teatro ligeiro um espectáculo só para homens... que não tenham vergonha & uma.»

Tem o nosso inteiro aplauso. A policia devia intervir no que se diz em determinadas revistas... Não ha direito! Ainda ha dias assistimos ao debandar duma familia que ocupava o camarote dum teatro... O que se estava a passar no palco era demais... Mas o publico ria... ria... A missão do revisteiro e do artista é tambem

educar o publico e não alimentar-lhe o lado fraco... Não se pode transigir no que quer a geral...

Outra local da nova secção:

«E. B. e L. S., possuindo um dos elencos mais solidos do teatro português, actuando neste momento, triunfalmente, no Porto, não trabalharão em Lisboa antes de dois ou três anos, por falta de teatro. Chega a parecer impossivel que falte teatro para uma companhia que tem á cabeça a grande L. e haja sempre teatro para os descôcos e as reles pornografias de certas semi-vedetas de origem mais que duvidosa sob o ponto de vista internacional. De quem a culpa?... Talvez de muitos que poderiam dizer isto em letra redonda e o não fazem...»

Muito bem!

Não é só a grande L. a quem isto sucede, é tambem a P. B., artista de grande classe, que depois de andar pelo norte... tem de seguir para o sul... por não ter teatro em Lisboa!

E' triste! No entanto, ha companhias em Lisboa, funcionando, que não mereciam nem barracas de feira... Anda tudo ao contrario!

HA um empresario que, antes de o ser, dizia sempre:

— Se chego a estar á frente duma companhia, hei de mandar pôr nos cartazes: «Companhia de que não faz parte o actor C. L.»

Pois, senhores, já lá está...

A PEÇA da A. A. intitula-se «Três cães a um osso».

De quem se tratará?

Dos pretendentes ao T. N.?

O actor A. da C., quando lhe contaram a *blague*, acrescentou:

— Olhem que este osso é muito mais duro de roer do que parece...

FUGIRAM as ingenuas ao E. B....

E agora? Que vai ser dele? E dizem que fogem para uma companhia de revista... E' sina daquele rapaz!... Atira-as para o chamado genero Ilgeiro...

De lá saiu a H. L., saiu a M. C. e agora saem a M. S. e a I. I.

Cautela E... não deixes colher os frutos do que semeaste!

Assim... não te governas!

LÁ fechou o T. A....
Lembro-me daquele politico a quem foram comunicar:

— Sabe, doutor, lá prenderam fulano...

— Acho bem, pois se ele andava solto...

Dias depois, diziam-lhe:

— Sabe, doutor, lá soltaram fulano...

— Acho muito bem, pois se ele estava preso, o que queria você que lhe fizessem?

Assim estamos nós... Lá fechou o T. A.... Pudera, pois se estava aberto...

Mas — perguntamos nós — para que foi que o abrimos?

Responderia o nosso politico:
— Porque estava fechado...



Ante a gentileza da Auzendá e a voz
do Silvio — até os papagaios se
curvam reverentes

O Homem das 5 horas

SUMPE SUNRIPE

Aprimorados Fados só
no Solar d'Alegria.

Elevador da Gloria

Antunes Pintainho da Silva, depois de trabalhar dez anos na casa do Pereira, com armazem de fazendas por atacado, resolveu despedir-se e arranjar patrão que melhor recompensasse os seus serviços. Apanhando o Pereira em boa disposição de espirito — Pintainho da Silva devia-lhe cinco contos — atacou-o dizendo:

— Patrão, eu sinto muito, mas não posso continuar cá na loja...

— Então, porquê?

— Porque ganho pouco e não quero sacrificar o patrão com mais emprestimos...

— Tenho pena, mas não te posso aumentar.

— Foi o que eu pensei. O que lhe pedia era um favor.

— Diz lá, homem.

— Era se me perdoava os cinco contos e me passava um atestado de bom comportamento.

— Pois sim! Mas os cinco contos não te posso perdoar. O que posso é esperar pelo dinheiro.

— E o atestado?

— E' para já.

O Pereira não sabia escrever, mas não queria que ninguém o soubesse.

O pedido do Pintainho atrapalhou-o bastante. O gerente não estava, o primeiro caixa também não. O que fazer? Depois de alguns minutos de penetração mental, encontrou uma solução. Agarrou num bocão de papel e cobriu-o de riscos. Imitou a assinatura melhor, fez dois ou três ganhotos, carimbou e, chamando o Pintainho, deu-lhe o papel, dizendo:

— E' pena que tu não saibas ler para veres o que digo aí de ti.

O Pintainho, ao virar a primeira esquina, pediu a um transeunte que lhe lêsse o atestado. O homem virou-o dum lado para o outro.

— Nunca vi letra tão ruim. O melhor é ir a um tabellão. Estão acostumados a estas coisas difíceis.

Pintainho aceitou o conselho. O tabellão limpou os olhos, examinou longamente o papel, chegou mesmo a puxar duma lente, para depois murmurar vencido:

— Não entendo, talvez seja chinês. Se fosse ao senhor, ia a um farmaceutico. E' gente muito pratica em escrituras de medicos. Talvez atine!

Pintainho correu á farmacia de que era freguês.

— Sr. Jacinto, tenho aqui uma coisa para si.

— O que é?

— Leia.

O boticario demorou algum tempo no exame. Lentamente dirigiu-se a um armario, donde voltou com uma caixinha de folha.

— Aqui tem! Tome uma capsula de hora em hora, mas não saia porque pode ter alguma recaída...

— Boa assistencia só no Solar d'Alegria.

— Boa assistencia só no Solar d'Alegria.

— Boa assistencia só no Solar d'Alegria.

— Boa assistencia só no Solar d'Alegria.

— Boa assistencia só no Solar d'Alegria.

— Boa assistencia só no Solar d'Alegria.

— Boa assistencia só no Solar d'Alegria.

— Boa assistencia só no Solar d'Alegria.

— Boa assistencia só no Solar d'Alegria.

— Boa assistencia só no Solar d'Alegria.

— Boa assistencia só no Solar d'Alegria.

— Boa assistencia só no Solar d'Alegria.

— Boa assistencia só no Solar d'Alegria.

— Boa assistencia só no Solar d'Alegria.

— Boa assistencia só no Solar d'Alegria.

— Boa assistencia só no Solar d'Alegria.

— Boa assistencia só no Solar d'Alegria.

— Boa assistencia só no Solar d'Alegria.

Má companhia



O passageiro — Este apertão é uma coisa horrivel. Que péssima companhia.

A passageira — O sr. ofende-me.

O passageiro — Perdão, minha senhora, má companhia é a dos Electricos, que permite esta peça vergonha.

Desgraça com sorte



— Somos ambos desgraçados. Tanto a ti como a mim sucedeu a mesma fatalidade: ambos fomos atropelados. A mim foi um Autolata... Que coisa dolorosa, meu Deus!

— O quê? Bem se vê que és uma pessoa ordinaria. Ao menos eu fui atropelado por um «Chrysler», que é um carro elegante e com tão bom comodo, que até me sentia bem debaixo dele...

Riso amarelo

Um telegrama de Nova York comunicava que, na Universidade do Estado de Ohio, acaba de ser experimentada uma maquina para registar o calor dos aplausos. O aparelho, construido na secção de mecanica da Universidade, mostra o volume do aplauso outorgado por um auditorio, mediante um galvanometro que o regista num quadrante.

A ideia não seria nova se não fóra o registo do calor do aplauso, pois, quanto ao seu volume, representado pelo ruido produzido, bastaria, talvez, a impressão dum disco fonografico que permitisse registar-lhe a sonoridade.

A ideia da medição do calor do aplauso é que dá aspectos novos á invenção.

Não se trata, evidentemente, de calor no sentido exacto, pois, se assim fósse, aconteceria registarem-se mais calorias no verão que no inverno, e, nesta estação, mais nos teatros com aquecimento do que naqueles que o não tem. Por este equívoco chegamos até a justificar, com a falta de aquecimento dos teatros portugueses, os frios aplausos que algumas peças merecem entre nós.

Não. Trata-se do calor que os espectadores põem nos aplausos. E, ainda assim, deve o registo do quadrante especificar a qualidade dos aplausos, porque se a maioria da gente expressa o seu entusiasmo batendo com as palmas das mãos, alguns povos o fazem dando com os pés no chão, o que, no nosso caso, quer dizer absolutamente o contrario, embora fosse igualmente interessante o seu registo.

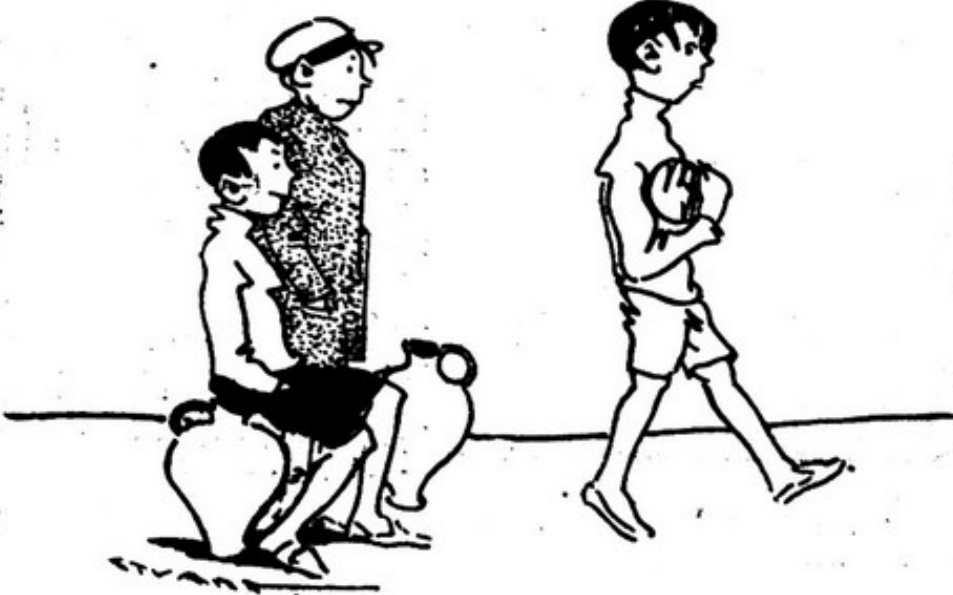
O registo do quadrante adoptado em Portugal deve, portanto, marcar o calor das palmas, e não o calor produzido nas palmas pelo bater, que também é diferente. Ora o calor das palmas ainda é susceptível de variações, isto é, varia em quantidade e quantidade o calor com que aplaude um «claqueur», que quasi recebe para aplaudir, ou um espectador de lugar caro, que pagou bem e difficilmente aplaudirá, ou ainda o entusiasmo com que aplaude o ingenuo espontaneo ou experiente reservado, o quente e o frio.

Por tudo isto, e pelas muitas variações que se podiam fazer sobre o mesmo tema, parece-nos talvez fazer o réclame duma peça ou dum autor attribuindo-lhe X graus, conforme o registo do quadrante do galvanometro do aparelho construido na secção de mecanica da Universidade do Estado de Ohio.

Em teoria, «o yess!» Na pratica, o isso não!

Aconteceria mesmo que, bem juradas as contas, a peça e o actor annunciados com 40 graus e algumas decimas de aplausos não passassem, na opinião da critica exacta, de peças e actores abaixo de zero.

FUMER SUNRIPE



— Está todo tólo por ter metido trez «goals», com a bola de papel. Sempre quero vêr no domingo com a nossa bola de trapos.



— Então a menina não sabia ao que ia quando esse homem a convidou?

— Não, senhor juiz, eu não sei lêr nem escrever..

BOM HUMOR FRANKLIN D'ALMEIDA LIMA

Secretario da Embaixada do Brazil

— Emprestas-me cinquenta mil réis?
— Para quê?
— Para empenhar o relógio...
— Homem, mas para isso não te faz falta o dinheiro...
— Faz. Porque antes quero desempenhá-lo.

Na redacção dum jornal:
O director: — Se o senhor tivesse que escrever uma notícia e não soubesse nada, como diria?
O pretendente: — «Sabemos de boa fonte...»
O director: — Bem. E como terminava?
O pretendente: — «Podíamos encher colunas...»
O director: — Está empregado...

Ela: — Não se lembra de mim?
O sabio, distraído: — Ah! Sim!... E o que resultou?

O pai: — Então, durante as férias esqueceste tudo quanto aprendeste na escola?
O filho: — Naturalmente. Se não fosse assim, para que voltava para lá?

— A sua toilette fá-la mais nova. Tira-lhe metade dos anos.
Ela, que já tem 40: — E' muito amavel. De maneira alguma posso aparentar ter doze anos e meio...

Ele: — E o que disse tua mãe quando soube que estavas noiva?
Ela: — Ficou contentíssima... como sempre.

— Como arranjaste esse lindo automovel?
— Numa venda de caridade...
— Foste tu que tiveste o grande...
— Não. Foi eu que organizei a tombola...

FUMES SUNRIPE

Uma noite alegre só no Solar d'Alegria.

Sortes grandes? só o PINA de verde 75 — Rua de S. Paulo — 77



Um brasileiro todo «fixe». Passa ao Chiado todos os dias. A sua elegancia define-se na elegancia com que o pisa e na sua amisade pelos portuguezes



Animaes que falam

M. Jean Martin, conhecido creador de cavalos, era, sem ser o maior, mais vezes enganado, o que mais vezes representava, com rara mestria, a scena do adulterio. Era considerado o tipo perfeito do conquistador, do *homme aux mille femmes*, na frase de Marcel Prevost.

Entre as suas numerosas amantes, que se sucediam com a rapidez dum relampago, tinha ele uma, chamada Jeannette, por quem fazia algumas loucuras caras. Certo dia, em que com ella tinha tido uma grande discussão por causa de ciúmes, recolheu a casa muito mal humorado, muito irritado e muito nervoso e assim entrou na alcova conjugal e assim se deitou.

Adormeceu, mas passou uma noite agitada, gritando a cada instante pelo nome da amante.

Calhou, duma das vezes, gritar por ella numa ocasião em que sua mulher estava acordada. Cheia de despeito, adivinhando uma nova infidelidade, perguntou:

— Quem é essa Jeannette com quem tu estavas a sonhar?

— Meu amor, não tenhas ciúmes, é uma nova egua de corridas que ontem comprei.

Perante esta resposta aparentemente calma e natural, a mulher, embora desconfiada, fingiu acreditar.

Na semana seguinte, Jean Martin teve de ir á Normandia visitar a sua creação de cavalos e ali se demorou três dias. Na volta, quando chegou a casa, perguntou á mulher:

— Telefonou alguém para mim?

— Não telefonou ninguém! — respondeu a mulher, mas reflectindo um pouco e pondo um dedo na testa, naquele gesto de quem descobriu a pólvora com que se ha de matar um grande carapetão, acrescentou: — Ah! desculpa-me, esquecia-me dizer que telefonou a tua egua Jeannette...

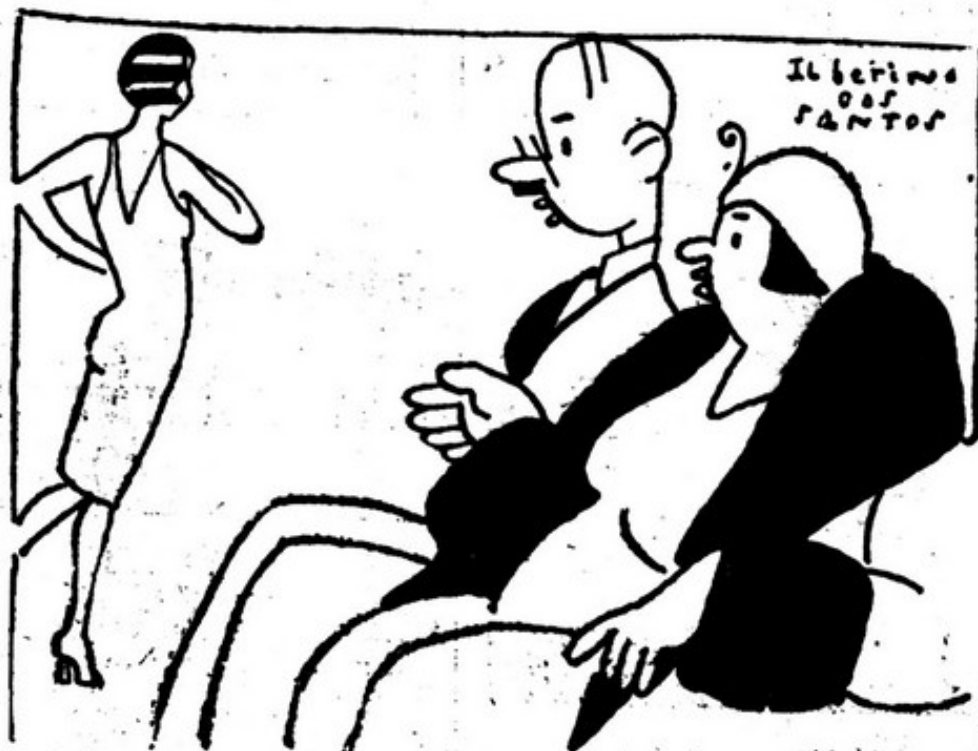
Quereis dinheiro?

Jogal no

Lama

Rua do Amparo, 51 — LISBOA

Sempre sortes grandes!



— Bem me podias comprar esse modelo!
— Já pensei nisso, filha. O que não sei, é se a rapariga porá alguma duvida em ir lá para casa...



— Porque não quer V. Ex.ª comprar o carro? Vê nele alguma coisa que não lhe agrade?
— Para ser franca, não gosto da côr dos pneumáticos.

Amor infausto

Quem não conhece o nosso Bacelar?
Lindo rapaz gentil e reverente,
Cujo profundo e fascinante olhar
Cativa o coração de toda a gente!

Sendo no seu convívio muito afável,
— Nunca alterando a sua voz simpática —

Sempre viveu irreconciliável
Com diversos preceitos da gramática.

Pois não calculam quantas ilusões
Ele, o fascinador, tem já deposto
Em varios femininos corações,
Cançados de tristeza e de desgosto.

Não ama a graça que ha na juventude,
Nem a precocidade dos amôres.
P'ra o Bacelar apenas tem virtude
As velharias cheias de bolores... —

Detesta os sentimentos imperfeitos
Das almas fortes, novas, juvenis.
Diz que os amôres são tanto mais perfeitos,
Quanto mais são provados e senis.

Quanto mais são provados e senis.

Inda ha pouco com ar's de Lovelace
Me confessou, sorrindo com malícia,
Que era feliz no dia em que encontrasse
Uma dama faraônica ou fenicia.

«Que o meu amor — dizia-me ele então —
E' casto, immaculado, sem maldade.
Amando um velho e gasto coração,
Presto a meu modo culto á antiguidade.»

«Amo o vetusto. Assim, dessa maneira,
Justifico afeições velhas, sinceras;
E os retratos que guardo na carteira
São d'arpias, de macrobias, de megeras.»

E recolhido em grande encantamento,
Anda a sonhar um sonho secular,
Na esperança de que surja num momento
A mumia a quem se possa dedicar...

Porque o amor que a sua alma fremente
Acalenta, receia desenganos...
E ele estremece uma joven nubente
Que apenas tem noventa e quatro anos!

Augusto Ricardo.

As capas do "Sempre Fixe"



Só a capa 10\$00.
Capa e encadernação
15\$00.

Coleção completa de um
ano, devidamente enca-
dernada, 50\$00.

Podem, pois, ser requi-
sitados os dois primeiros
anos.

Para a provincia acrece
o porte do correlo.

SEMPRE FIXE

COMO QUERE V. A SUA ESTATUA?

O *Sempre Fixe* abriu um inquerito
entre as pessoas mais cotadas da nos-
sa praça literaria, desportiva, jorna-
listica, etc., para saber como os que
alcançaram, ou pensam alcançar a
gloria, querem a sua estatua.

Eis algumas respostas:

«Uma estatua é uma coisa solida.
E eu gosto só de liquidos...»

Aprigio Mafra.

«Só quando o meu colega Benaven-
te, o maior dramaturgo de Espanha,
a tiver — eu a aceitarei.»

Ramada Curto.

«Num balcão de marmore... como
Romeu e Julieta.»

Sousa Costa.

«Sou tão alto que me basta um
poste telegrafico.»

Raul Brandão.

«No Calhariz. Com um *maple*, uma
sala dourada, entre porcelanas e du-
quezas e pontas de cigarros *bout
doré*.»

Julio Dantas.

«Uma estatua, não! Uma banca,
que é o que mais preciso agora.»

Norberto Lopes.

«Estriquinina! Estriquinina! Estri-
quinina!»

Brilo Camacho.

«A minha estatua que seja uma pe-
ça boa, porque de más já eu estou
farto.»

Artur Portela.

«Se vocês fossem capazes de adu-
zir a minha estatua em francês...»

Alvaro de Andrade.

«Façam uma estatua, mas deixem
ficar lugar para os anuncios.»

Manzoni de Sequeira.

«Sim! Uma estatua, mas em fórma
de sofisma, em fórma de tesoura.»

Prata Dias.

«Os meus Inimigos não querem a
estatua, nem de *Casaca Encarnada!*»

Vitoriano Braga.

«Façam uma estatua... mas colo-
quem-a na Hungria.»

Um do «Bemfica».

«Não ponham a estatua em pé,
que ela cai logo á primeira.»

Ilda Stichini.

«Bem! Já que o querem. Mas
sempre quero ver onde vocês põem o
monoculo!»

Lutz Figueira.

O "FIXE" NO PORTO



Dr. Campos Monteiro

Literatura thalassa e «civilização»

Les verités Dialogos

Numa escola:

— Um burro não bebe vinho
embora o tratem a murro...
— Mas porquê, — diz o visinho,
— Ora essa! Porque é burro!

No club:

— Andam *cocottes* de luto.
E porquê? Parece praga.
— Oh homem! Não sejas bruto.
E' p'ra dizer que têm vaga...

No café:

— Amantes caros?! Pois quê!
Se é dos piores architectos?
— Olhe lá, então não vê
Que as sustenta de projectos?

Na rua:

— Mas porque é que toda a gente
Diz que tem frio? Que inferno!
— Respondo bem facilmente:
E' que estamos no inverno!...

No teatro:

— Não, senhor. Não digas dessas.
Ramada, Curto, é palão!
— Então não vês que tem peças
de curta apresentação?!

Na barbearia:

— Gostava que me dissessem
Porque crescem os cabelos?
— Se os cabelos não crescessem,
Os barbeiros... era vê-los!

Na «Chic»:

— Você actor?! Que me diz!
Isso é mentira; pois não?
— Hom'essa, se até já fiz
Uma representação...

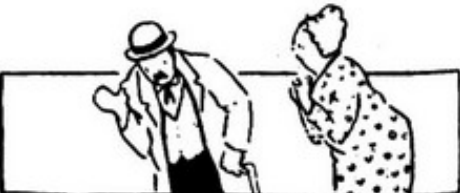
— Faz favor de se calar
Que bonda já de tolice.
— Isto diria, a brincar,
Monsieur de la Polisse!



Todas as mães que querem a saude
e a beleza de seus filhos, dão-lhes
Toddy. Quente ou frio; com agua ou
com leite é sempre delicioso.



— Lavar os pés três vezes na sema-
na? O meu dono tem uma amante.



A mulher — E pensar eu que quan-
do casámos me chamavas tu rainha!
O marido — Pois sim, mas depois
de tantos maus tratos uma pessoa
começa a pensar na mudança de re-
gime.

Cear alegremente só no
Solar d'Alegria.



Os acontecimentos desportivos da semana

No ultimo numero do nosso presado colega *Sport de Lisboa*, e a proposito ainda da derrota sofrida pelo *Ferencváros* no seu encontro com o *Bemfica*, escreveu alguém o que segue:

«Essa derrota, porém, pela força de varias circunstancias, não convenceu duma maneira definitiva tanto os húngaros como a alguns portugueses mais apegados a uma doentia imparcialidade.»

Eis, até agora, a mais fuiminante descoberta do ano de 1929. *A imparcialidade é uma doença!* Diremos mesmo estar já assente que ela é o produto dum *virus* terrivel e mortifero. A imparcialidade será, pois, uma coisa muito mais perigosa do que o *colera-morbus* ou o *delirium tremens*.

Felizmente, a par destes horribes males terrestres, ha um Deus no céu. E, assim, essa extraordinaria doença tem já as suas vacinas infalveis — vacina vermelha, vacina verde, vacina azul, vacina ás riscas, etc., etc.

E ha já tambem muitos criticos perfeitamente vacinados.

Viva Deus!

O *Torneio Associação*, a que o *Bemfica* entendeu muito justamente negar a sua participação — está decorrendo numa maré-cheia de indiferença que até faz *possibles á gente...*

Para lhe aumentar o interesse, até o *Belenenses* se deixou eliminar!

Parabens ao Bom Sucesso!

Um dia destes, um individuo, desejoso de prestar serviços á sociedade, resolveu descobrir as causas das lentidões da circulação automobilista.

E este cidadão desinteressado terminou o seu inquerito pela conclusão de que os agentes sinaleiros eram os grandes responsaveis. Eram eles os que paravam os carros. Eram eles os que perturbavam o curso regular dos automoveis.

Os *chauffeurs* felizes aceleram. Mas bruscamente ouve-se um ap'to e ergue-se para o céu um pausinho branco. Os travões gemem, os carros pa-



Os ferem...que...averos pregaram-nos 21 goals—que fária se não fossem «averos».

RICARDO O' NEILL



eduardo

Automobilista da velha guarda. Director da velha guarda. «Sportsman» da velha guarda. Aristocrata da velha guarda. Além disso é o novo presidente do Automovel Club de Portugal e presidente novo pelo entusiasmo e pela modernização que pretende imprimir no Club.

ram, os para-choques beijam-se, os condutores berram.

O individuo esperto não devia acusar só os agentes. Devia tambem colocar no banco dos reus as comissões de transito, que regulam as relações entre as raças de automoveis e de peões. E duas hipoteses se podem encerrar.

Ou as pessoas que regulamentam o transito passeiam pelas ruas em corpo constituido e nesse caso perturbam suplementarmente a circulação;

Ou não saem de casa e, por consequencia, as suas medidas não se apoiam sobre qualquer experiencia.

Em qualquer dos casos, dirá o cidadão que essas comissões devem ser suprimidas.

A direcção do Automovel Club de Portugal está trabalhando com um entusiasmo e uma vontade de acertar que até consolam a gente.

Pensa nas estradas, pensa no turismo, pensa na defesa juridica dos seus associados e até pensa em dar-lhes uma instalação — genero *Palacio das Mit e Uma Noites*. Felizmente que já não vão para o *Club Mayer...* para não viciar os socios e os automoveis...

Pensa, além disso, em publicar um *Boletim* que — pasmai ó gentes! — não será vendido nem para vender! Os socios tê-lo-hão de graça, mesmo que lhe não achem graça nenhuma.

E mais! Continua o bôdo desta maravilhosa Direcção!

De graça vai ser tambem o *Anuario de 1928* — uma especie de *Bottin* automobilista, em que se encontra tudo o que é preciso, menos dinheiro.

E ainda vem af, da Alemanha, o novo emblema. Não sabemos se será de platina cravejada de pedras raras. Mas o que nos consta é que, não podendo a Direcção, contristada, oferecê-lo tambem como brinde — o venderá a menos de pataco.

Em seis meses de Direcção, não se pode oferecer nem dar mais!

Rebola-A-Bola.

400.000\$00

Estão á venda na feliz casa de

José Pedro

173--R. ARCO BANDEIRA--173

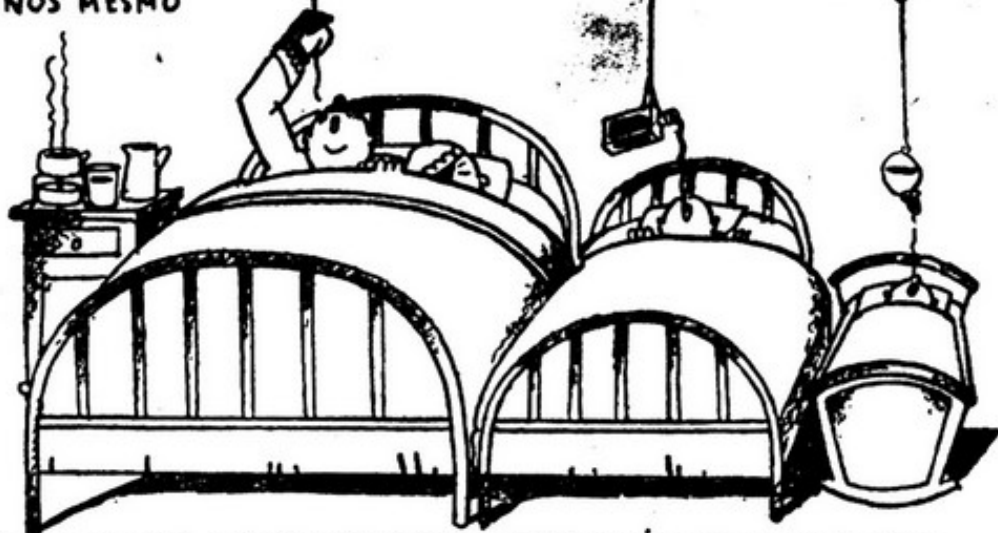
Boa cozinha! só no Solar d'Alegria.

SUMÉ SUNRIPE

Sortes grandes T só o PINA se vende 75 - Rua de S. Paulo - 77

ECOS DA SEMANA

A GRIPE NÃO LARGA-O PRÓXIMO COMO A NÓS MESMO



PROCESSO QUE UM ENRASCADO CHEFE DE FAMÍLIA ENGRIPADO, USOU PARA DAR, AS TISANAS A HORAS, A FAMÍLIA ENGRIPADA

ADOIADO! AI SUAS TELHAS PORTUGUESAS!!
UM GRUPO DE 40 TELHAS PORTUGUESAS, SUBIU AO TELHADO DO ANTIGO EDIFICIO DAS ENCOMENDAS POSTAIS... E TRÁS ZÁS... PÁS... CORRERAM COM AS TELHAS MARSELHAS QUE ESTAVAM A SER COLOCADAS... FOI TERRÍVEL



CHEGARAM AS PRIMEIRAS ANDORINHAS (DIZEM OS JORNAIS)



SÓ SE FOI POR ENGANO, QUENTÃO TRAZIAM CAPA DE BORRACHA

O TRIO VIANA DA MOTA - OXALA' ÉSTE GRUPO NUNCA SE DESLIGUE PARA HONRA DA MÚSICA EM PORTUGAL - O QUE SERIA ESTE TRIO NA EXPOSIÇÃO DE SEVILHA? MUITOS PARABENS, POIS, AO TRIO MOTACOSTAMANSO.



VAI HAVER UM MUSIC-HALL. - JÁ NÃO FALTA TUDO - PELO MENOS JÁ HA UMAS 'GIRLS' NACIONAIS LINDAS E MUITO ELEGANTES



A'S ROSAS...
TERINJA...TIN...TA...TIN
TA...TIN...TERINJA...TA...TIN
ETC. ETC.

COM A PERMISSÃO DO POVINHO PODER USAR NO CARNAVAL BISNAGAS 42 E PÓS ESTERNUTATORIOS, ACONSELHAMOS ÉSTE TRAJO PARA OS PRÓXIMOS FOLGUEDOS.



E - T - E - L - H - O ; 19